

A INQUIETA FICÇÃO DE NÉLIDA PIÑÓN

Domício Proença Filho

*en*

Nélida Piñón

en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nérida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑÓN  
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS



# A INQUIETA FICÇÃO DE NÉLIDA PIÑON

Domício Proença Filho

*en*

Nélida Piñon  
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

# ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca  
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021  
978-84-1311-326-5 (PDF)  
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca  
<http://www.eusal.es>  
[eusal@usal.es](mailto:eusal@usal.es)

*Impreso en España-Printed in Spain*

Maquetación, impresión y encuadernación:  
GRÁFICAS LOPE  
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»  
[www.graficaslope.com](http://www.graficaslope.com)  
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.  
Ni la totalidad ni parte de este libro  
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de  
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego  
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE  
Unión de Editoriales Universitarias Españolas  
[www.une.es](http://www.une.es)



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).  
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]  
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés  
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).  
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.  
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

# Índice<sup>1</sup>

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios.....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i> .....	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

<sup>1</sup> Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Nélida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

# A INQUIETA FICÇÃO DE NÉLIDA PIÑON<sup>1</sup>

Domício Proença Filho

*Academia Brasileira de Letras*

RESUMO: O presente texto se constitui de uma leitura crítica da obra ficcional da escritora brasileira Nélide Piñon. Aponta as vinculações com a Galiza. Nucleariza-se em múltiplos aspectos caracterizadores de constante inquietação. Em termos existenciais e nos espaços da linguagem literária. Nesse âmbito, associa reflexão e experimentalismo. Destaca, entre outros temas que marcam suas narrativas, espaços do mito, amor e erotismo, ludismo e paródia, diálogos intertextuais, ironia, dilacerações existenciais e inovações na linguagem ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Inquietação, Reflexão, Experimentalismo, Dilacerações, Inovação.

## «LA INQUIETA FICCIÓN DE NÉLIDA PIÑON»

RESUMEN: El texto es una lectura crítica de la obra ficcional de la escritora brasileña Nélide Piñon. Establece enlaces con Galicia. Se centra en múltiples aspectos que caracterizan una inquietud constante, en espacios existenciales y en espacios del lenguaje literario. En este ámbito, vincula la reflexión y la experimentación. Destaca, entre los temas que marcan su narrativa, espacios del mito, amor y erotismo, ludismo y parodia, diálogos intertextuales, ironía, dolor existencial e innovación en el lenguaje de la ficción.

PALABRAS CLAVE: Inquietud, Reflexión, Experimentación; Dolor, Innovación.

## «THE RESTLESS FICTION OF NÉLIDA PIÑON»

ABSTRACT: This text is a critical reading of the fictional work of the Brazilian writer Nélide Piñon. We point out the connections with Galicia. It is nuclearized in multiple aspects that characterize constant unrest, in existential

<sup>1</sup> O presente texto é uma versão revista, ampliada e atualizada do artigo intitulado «La República de las letras de Nélide Piñon», publicado na revista literária e cultural *El Urogallo*, nº 110/111, Madri, julho-agosto, 1995.

terms and in literary language spaces. In this context, it combines reflection and experimentalism. We highlight, among other themes that mark her narratives, spaces of myth, love and eroticism, ludic aspects and parody, intertextual dialogues, irony, existential lacerations, and innovations in fictional language.

KEYWORDS: Restlessness, Reflection, Experimentalism, Lacerations, Innovation.

**A** OBRA DE NÉLIDA PIÑON é uma das mais representativas da literatura brasileira. Esse juízo é avalizado pela crítica especializada do Brasil e de outros países. Ela integra a alta estirpe dos escritores que observam as coisas do mundo e das gentes; transfiguram-nas singularmente na arte da palavra; incidem sua reflexão sobre os caminhos e descaminhos de nossa navegação nesse rio fatal chamado vida. Nesse percurso, sua imaginação criadora é mobilizada por suas raízes ibéricas, especialmente as plantadas na Galiza, e suas vivências de cidadã brasileira. Trata-se de uma posição consciente e reiteradamente assumida:

Vivi numa casa presidida pela ambiguidade. Sou filha de duas culturas, a galega e a brasileira. A fusão delas me ajudou a mostrar como o Brasil é um país múltiplo. É ibérico, tem porções africanas e indígenas.

Sou uma obcecada pela memória. Conto a minha história e, ao mesmo tempo, a história do país. Emprasto meus olhos para o leitor para revelar as receitas do amor, do fracasso e da morte.

São palavras suas, em entrevista de 04 de dezembro de 1994, ao jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, posicionamento que volta a explicitar em um dos vinte e quatro ensaios que fazem o seu *Aprendiz de Homero*, de 2008: «Procedo do Brasil e reverencio a majestade da língua portuguesa. Neste idioma saúdo Deus e os homens. Minha ladainha diária é celebrar as lendas da minha casa galega, do meu país, de toda a terra que aspiro a conhecer» (2008: 349).

Uma das marcas de sua obra literária é a constante busca de novas dimensões da linguagem ficcional. Nesse espaço, domina a potencialidade da língua –suporte, o português brasileiro. Funda significados. Sem descurar do estreito relacionamento entre o indivíduo e a História. Assim configurada, sua produção permite perceber textos multifacetados, reveladores de uma constante inquietação. Em termos de temática e de técnica narrativa. É o que se evidencia nos nove romances, seis livros de narrativas curtas e um de crônicas, é o que explicita na coletânea de fragmentos, nos dois volumes de ensaios, dois de memórias e no livro que reúne discursos seus.

Sua prosa de ficção insere-se na linhagem dos textos literários que associam reflexão e domínio da criação na linguagem. Filia-se à melhor tradição do chamado romance de ideias. Mesmo nos espaços do conto predomina a especulação sobre a narração. Mas isso diz pouco. Mobilizada pela permanente inquietude, a escritora não se acomoda na eleição de determinados modelos. Descumpra as regras. Busca o novo. Revitaliza o canônico. Navega, galhardamente,

nos espaços da originalidade. Nessa navegação, seu discurso segue diferentes caminhos. Assim, envolve a ênfase no experimentalismo, a partir da fragmentação da narrativa e da técnica da colagem em *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961); passa pelo o misticismo e a reflexão filosófica em *Madeira feita cruz* (1963) e pela pesquisa sobre o comportamento e a intensa sensualidade de *Tempo de frutas* (1966); mergulha fundo e poeticamente no erotismo, em *A casa da paixão* (1972); aguça uma visão inusitada do amor em *Sala de armas* (1973); consolida a técnica renovadora e assume maduramente os espaços míticos de *Fundador* (1976); retoma esse espaço retrabalhado em *Vozes do deserto* (2008) e nos contos de *A camisa do marido* (2014); diverte-se e diverte o leitor com o ludismo carnalizante e paródico de *A força do destino* (1977), carnava-lização, no sentido «bakhtiniano» do termo, associada a humor, ainda que com travo de tragédia, já antes presente em *Tebas do meu coração* (1974); capta dilacerações existenciais a partir da vida brasileira dos anos 60-80 em *O calor das coisas* (1980); mescla dimensões socioculturais e dimensões individuais em *A república dos sonhos* (1984), que mereceu juízo consecratório do *Publishers Weekly*, ao tempo da edição americana: «Obra extraordinária, literatura de primeira qualidade. A dimensão amazônica da imaginação de Nélide Piñon faz com que ela seja alçada à categoria de gênio» (*O presumível coração da América*, 2ª orelha); funde erotismo amor e ironia, nas muitas paixões que fazem a emoção de *A doce canção de Caetana* (1987), já aberta a localizações geográficas; nos fragmentos de *O pão de cada dia* (1994), a partir de uma visão peculiar de aspectos e fatos do cotidiano, permite-se assumir a aguda e lúcida reflexão sobre a condição humana e o fazer literário; retorna a estes dois temas em *Vozes do deserto* (2008) e nos contos de *A camisa do marido* (2014).

Nas presentes considerações, destacarei apenas alguns desses aspectos pontuais e marcantes da produção da ficcionista: espaços do mito; amor e erotismo; ludismo e paródia; dimensões socioculturais, estruturação romanesca. A dimensão mítica presentifica-se em vários dos seus textos, com maior ou menor evidência, na medida em que os personagens se movem na estranha geografia e temporalidade em que ocorrem suas ações e relacionamentos. Para além da verossimilhança assegurada pelo realismo de detalhe. É no romance *Fundador* que a assunção da configuração mítica se concretiza amplamente. Nele, o texto situa dimensões fundadoras de uma raça, questionadas a relação homem/mulher, a religião, o próprio percurso da construção, o sexo, na mesma condição de fonte criadora que se configura em *A casa da paixão*. O texto cria um tempo singular. Não remete ao meramente cronológico. Mede-se por uma distância variável, de acordo com a melodia do mundo interior dos personagens. Estes, enquanto seres, intercambiam legados reconhecem-se no processo que os une: um mergulho nas origens, a partir da criação de um universo que emerge necessariamente de uma linguagem liberta das analogias do discurso cotidiano. Nélide trabalha o moderno tempo ficcional.

Ela mesma também é fundadora. Do universo de sua arte. Consciente. Segura. Assumida. Como comprova sua declaração tácita em *O pão de cada dia*

(1994: 32), em que considera o ato de criar «um rompimento soberano com a própria realidade em prol da conquista do real». Como testemunham inúmeros pronunciamentos de natureza autobiográfica em que teoriza sobre o seu fazer literário:

A geografia novelesca situa-se no mapa da imaginação. A fantasia consolida seus relevos, sua aparência. Assegura-nos que o festim literário passa-se em Paris ou Micenas. Na aparência, esta geografia é tangível, identifica-se com o leitor que conhece Paris. Mas a Paris do seu romance ocupa o desejo do narrador que a forja segundo desejos narrativos. (*Aprendiz de Homero*, 2008: 321)

Predominam, no romance, a propósito, espaços que não remetem a qualquer referente imediato. Ainda que alternem com alusões indiciadoras de realidades caribenhas e americanas, na medida em que exigem superação.

Os personagens, que especulam o tempo todo, valem-se de um discurso que só possibilita a descodificação plena diante da coerência que caracteriza o texto literário. O diálogo que ocorre no momento em que Fundador encontra Teodorico de Antioquia, o Mestre, é explicitador:

-Sua arrogância só é comparável à minha paciência. O que pretende, afinal?  
-Iniciar uma raça. (*Fundador*, 1969: 134)

Páginas antes, o mesmo Teodomiro dera a chave da proposta:

Impunha-se a recuperação do mundo, a abdicação de leis e regras puramente racionais. O mistério sim alimentava, que o ajudaria compreender a terra sendo como ele a queria, fixando-lhe limites nos mapas a que deveria corresponder. (Piñon, 1969: 57)

Uma suposição: certas referências, como a que segue, indiciariam sutilmente o espírito que levará a *A república dos sonhos*? Observe-se que o «ele» referido inicialmente é o personagem de nome Joseph e logo Joe Smith, de cidadania americana concedida, que, na prisão em Medelin conheceu Camilo e iniciou seu percurso revolucionário:

Igual a ele, Fidel, também de família que abandonara suas terras, em troca da ilha. Então também aos imigrantes, aquele galego, por exemplo, competem as grandes reformas? Aceita-se uma terra que não era nossa, mas que passa a nos pertencer porque se começou a amá-la tanto que o próprio corpo ressentia-se com inesperado amor, até que se conhece a morte, porque ela é a única a testemunhar um querer que só se devotara anteriormente à terra em que se nasceu? (Piñon, 1969: 73)

Não nos esqueçamos de que, como explicita a autora, nesse romance, fundem-se matéria ibérica e americana, o tangível e o imaginário, o profano, o divino, o prostibulário. Trata-se de um romance de linguagem inovadora, em que se configura o espaço da origem, a partir basicamente da relação homem/

mulher, do ideal e da preocupação com o conhecimento, com um Fundador «sempre destinado a construir uma cidade». Em síntese, constitui uma visão crítica do ser humano. Multiplicam-se, no âmbito da reflexão que pontua o desenvolvimento das ações, conceitos indiciadores dessa construção. Cito dois exemplos:

O amor é a fronteira entre as culturas. (Piñon, 1969: 79)

A maravilha do homem inicia-se nos reinos que exploram as fantasias. (Piñon, 1969: 82)

Na tecedura da imagística, de que é mestra exímia, a escritora opõe basicamente matéria e espírito, metonimizadas na religião e na cidade a ser fundada. A relação sexual ganha relevo na pretendida construção. O texto questiona dogmas e condicionamentos. E a carne vence à luz de múltiplos argumentos. Afinal, busca-se a fundação da cidade e da raça. Evidencia-se a dimensão valorizadora do sexo como fonte de vida e força mobilizadora, a presença poderosa de Eros. Trata-se de uma das tônicas da obra ficcional de Nélide, presentificada gradativamente no curso de sua ficção. É o eixo nuclear de *A casa da paixão*.

Esse romance constitui um cântico do encontro de um homem e uma mulher, à luz da força viva da natureza que os conduz inapelavelmente um para o outro. E mais: converte-se no canto da liberdade da mulher que rompe as imposições de uma cultura para afirmar-se. Nessa direção, liberta-se. Escolhe o seu homem não pela imposição paterna da tradição, mas pela força imperativa do percurso do seu desejo. Uma exaltação do amor carregada de tensão.

No espaço do conflito forças imperativas em choque: o pai, dilacerado pelos apelos da carne interditos por sua própria condição de pai; a filha, mobilizada pela figura paterna, a rejeitar a atração que a conduz nessa direção; a ama, a conduzir rituais de iniciação no conhecimento da condição mulher pela filha; o homem escolhido pelo pai para tornar a filha mulher. E, sobretudo, a Natureza – exemplo de mobilização. Os personagens transitam por sentimentos primitivos e telúricos, em cujo âmbito a sexualidade desponta como a casa da plena realização. Trata-se de um romance que celebra o desejo carnal, poeticamente exaltado. Mas que, sobretudo, destaca o direito da mulher de doação de si mesma, de seu corpo, de sua virgindade. A passagem seguinte, das páginas finais do texto, é altamente significativa:

Trouxe a mulher contra o peito, você é minha, proclamou jogando sua cabeça contra a folhagem, vamos confesse. Marta aspirava a fragrância do verde. A nobreza de um suposto rio. Jerônimo, gritava inventando combinações que o incendiassem. O homem virou seu rosto para o sol. Liberdade eu lhe dou, mas confesse o amor, confesse a solidão até a minha chegada. Marta auscultava o coração do homem, saltavam no peito batidas repentinas. O Olhar nutrindo-se. Há de me devorar com o sexo, seu arbítrio. Não cederei, e disse: sou livre para aceitar seu corpo, mas não me comande, homem. (*A casa da paixão*, 1973: 108)

De amor tratam também os contos de *Sala de armas* (1973). Fazem-se de espaços de experimentação, para além dos modelos realistas. Centralizam-se

nesse sentimento e nos meandros da comunicação/não comunicação entre as pessoas. Amor entre o homem e a mulher, entre pais e filhos, entre pessoas e animais de estimação, amor pelo amigo. Emoções e sentimentos são objeto, entretanto, de tratamento inusitado e surpreendentes, nas imagens e nos comportamentos, à luz de condicionamentos que costumam comandar as relações amorosas. «Ave do paraíso», primeiro conto do livro oferece exemplos:

Uma vez por semana visitava a mulher. Para exaltar-se, dizia comovido. Ela acreditava e o recebia com torta de chocolate e licor de pera, as frutas colhidas na horta. Os vizinhos discutiam os encontros raros, mas ela os queria sempre mais. Ele imaginando a vida difícil pedia desculpas pelo olhar, como se lhe assegurasse de que outro modo devo amá-la. (*Sala de armas*, 1973b: 9)  
Na próxima visita amou-a com fervor de apátrida e repetia baixinho o seu nome. (*Sala de armas*, 1973b: 10)

O conto «Cortejo do divino» evidencia à excelência a medida da proposta e a sutileza da ironia, também frequentadora assídua do seu texto: o amor pleno e natural provoca tal estranhamento, que exige julgamento e punição.

Perpassa ainda a mesma narrativa outro traço frequente na maioria dos seus textos: a ausência de referente específico. Privilegia-se, ainda uma vez, o psiquismo dos personagens. Mesmo quando, vagamente, apresenta-se um dado localizável, por exemplo, na paisagem urbana brasileira, sua importância é meramente acessória.

No tecido polifacetado do seu texto, Nélida volta à relação amorosa, em outro diapasão. A desmitificação do melodrama, o avesso paródico de uma história institucionalizada a partir da ópera de Verdi, *A força do destino*. No romance do mesmo nome, a escritora exorciza aquela tragédia molhada de romantismo. Dialoga com o seu *alter ego* homônimo, transformada em cronista do libreto retomado e atualizado. E o faz divertindo-se. Assume um estilo livre, solto. Carnavaliza o seu texto. Sem perda da profundidade da reflexão, matizada de humor. A romancista retoma a trama e os personagens da ópera. Desconstrói a história. Leva-os a repensarem seus gestos, suas atitudes e a discutirem com ela o que ela, na condição de narradora crítica, está fazendo com as suas «vidas». Vale-se da paródia no sentido bakhtiniano do termo. Ou seja, retoma o texto-origem à luz de uma visão crítica, todo o tempo pontuado de humor. E esse humor tem como elemento básico acionador a atualização. Os personagens se contemporaneizam, remetem a objetos, a recursos e a uma ótica do século XX, em contraposição ao tempo do libreto. Por outro lado, o *alter ego* Nélida, a cada passo, põe diante do leitor a sua técnica, o seu pensar sobre a linguagem literária. Em suma, expõe a sua arte. O romance resume o seu ideário poético, assumido em explicitações como as das seguintes passagens:

Unicamente por minhas mãos expressariam ambos na língua portuguesa, que é como expliquei a Álvaro, um fundo forte e lírico ao mesmo tempo. Um barco que até hoje singra generoso o Atlântico, ora consolando Portugal, ora perturbando o Brasil. (*A força do destino*, 1977: 13)

Não penso que Leonora e Álvaro cedam-me depoimentos completos. E que importância teria também se jamais sufraguei o texto verossímil? A vida se falseia, com uma única palavra ou olhar, que indo para Pedro, João recolhe, pensando seu. A tudo se pode emendar ou corrigir com sintaxe nova. (Piñon, 1977: 17)

E na nova sintaxe que assume, vale-se a escritora de vários registros do idioma, notadamente do discurso coloquial; e brinca de realismo mágico, por vezes. É pós-moderna, nesse sentido: é como se trouxesse a trama do século XIX para a linguagem e a realidade contemporâneas. Assim atualizados os personagens a cada passo questionam a si próprios, conscientes da sua condição de entes ficcionais, passíveis de terem suas vidas manipuladas pela personagem-cronista.

Nélida brinca com todos os elementos tradicionalmente estruturadores da narrativa tradicional, que domina magistralmente: personagens, espaço, tempo, ponto de vista, visão de mundo, estilo. É como se ela revisitasse a ópera famosa e nos trouxesse as suas impressões e, agora, no romance, revê a ópera e seus juízos anteriores. Para tanto, busca falar de dentro do próprio texto operístico, às vezes com cerimônia, outras com ironia e até com acrimônia. Por outro lado, a inquieta escritora, ainda uma vez, parte para a experimentação na linguagem. Repassa com argúcia a trama melodramática. E a ultrapassa por força do questionamento reflexivo. Não a violenta, mas a submete, com os personagens, a uma severa crítica de atos e fatos. E, personagem, se deixa envolver pelo sentimento, confessado, por seus pares de ficção:

Não deixe Leonora saber que aqui estou a segui-los, serei uma pele de temperatura igual a de vocês. Qualquer febre da tua amada, há de incendiar-me também. (Piñon, 1977: 12)

Chegava-lhe a modesta glória mediante os acertos feitos com uma estranha a cobrar-lhe a cobrar-lhe a amada. Uma cronista que dispensava sua licença para integrar-se ao corpo de Leonora, podendo até amá-la, sempre que ele a beijasse. (Piñon, 1977: 13)

A percepção carnavalesca do mundo e a investigação da banalidade sob forma cáustica e risonha configuradas em *A força do destino* se fazem presentes em várias de suas narrativas. *Tebas do meu coração* o exemplifica amplamente. A marca dominante é uma visão carnavalizada da realidade associada à banalização da tragicidade do cotidiano. Nem falta um toque de magicismo e de humor azedo. Personagens surgem de repente, contraponteam com os já conhecidos, surpreendem com os comportamentos a eles atribuídos.

Se o *alter ego* de Nélida de *A força do destino* jamais sufragou o verossímil, em *A república dos sonhos* a ficcionista Nélida Piñon se vale da imagem do referente, mas o faz de maneira especial. A partir de realidades localizadas, aproveita esses espaços como pano de fundo e alimento de sua ficção. E mais uma vez os ultrapassa ao deles valer-se para mergulhar na direção da essencialidade do humano. Trata-se de uma escritora de seu país e do mundo. Nesse romance, Brasil e Galiza são presenças fortes. O Brasil é visto e vivido na ótica

dos imigrantes galegos e de seus descendentes nascidos no país. Esta síntese é dela. A romancista resgata-lhes a saga, metonimizada na dura construção do percurso existencial do personagem nuclear Madruga, sua mulher, as filhas, os netos, o amigo-contraponto Venâncio. Os anseios dele, seu êxito material, suas frustrações diante do dilaceramento familiar contextualizam-se no âmbito da realidade histórico-cultural da Galiza e do Brasil retomada na linguagem do romance. Ao fundo, o diálogo intertextual, agora com o discurso da História. Notadamente o discurso não-oficial nos testemunhos dos imigrantes e seus descendentes; de outro, o discurso oficial. Eles interpretam, a seu modo, os fatos históricos da nova realidade e os comparam com os do lugar de origem, a Galiza. As vicissitudes da família acompanham as vicissitudes do país. Apontam-se semelhanças entre a cultura brasileira e a espanhola, sobretudo na repercussão na vida das pessoas. Acentuam-se as dispersões no grupo familiar. O sucesso material não corresponde necessariamente à felicidade. O sonho buscado desfaz-se. Nélide põe em evidência o estilhaçamento que marca a família na contemporaneidade. Cruzam-se espaços individuais e sociais; associam-se os traços díspares e a ânsia do encontro, à luz de acontecimentos galegos e brasileiros. Não se trata, porém, de um texto marcado pelo realismo de detalhes. Constitui antes uma narrativa em que essa realidade se transfigura na vivência e no pensamento dos personagens. É constituída na linguagem. A suposição de Breta, a propósito de uma pretensa fala de Madruga é no final da narrativa, ambigualmente significativa, na metalinguagem de que se reveste:

E Madruga, então, com os olhos pousados em mim, surgiria na sala, fazendo um gesto amplo, capaz de se repartir prodigamente entre Sobreira e o Brasil. Adotando um tom solene para falar.

– O avô Xan esforçou-se em reviver as histórias soterradas da Galícia. Enquanto Eulália, Venâncio e eu chegamos ao Brasil com intuito de misturar as histórias de Xan com as que já existiam aqui. Mas não fomos capazes. Todos nós capitulamos. Conseguimos fazer apenas um episódio deste livro. Agora só nos resta você. A você caberá escrever o livro inteiro, a que preço seja. Ainda que deva mergulhar a mão no fundo do coração para arrancar a vida dali. Um livro que, ao falar de Madruga, e sua história, igualmente fala de você, de sua língua, do ápero e desolado litoral brasileiro, das entranhas destas terras que vão do Amazonas ao Rio Grande. Eu viverei no livro que você vai escrever, Breta, assim como Eulália, Venâncio, nossos filhos, a Galícia e o Brasil. (*A república dos sonhos*, 1984: 760)

A partir da saga do imigrante, Nélide Piñon traça, nesse romance, um amplo painel da história brasileira desse os começos do século até os anos de 1970. Perpassa a repercussão emocional da alternância de ditaduras e períodos de restauração democrática. Menos por meio de espacializações garantidoras de verossimilhança, sobretudo por meio de comprometimentos ideológicos dos personagens, alguns diretamente engajados no processo histórico como participantes ativos.

O diálogo intertextual e a digressão reflexiva retornam com nova configuração em *Vozes do deserto* (2004). Desta vez, o texto de origem é a narrativa de *As mil e uma noites*. A reescrita agora isenta-se da dimensão paródica.

Nucleariza-se, totalizante, na reflexão do narrador sobre o procedimento, a personalidade, as motivações de Scherezade e, em menor dimensão, de sua irmã Dinazarda. Nélide leva ao extremo, nesse texto, essa técnica. A narrativa faz-se exclusivamente no discurso do narrador, a tal ponto, que roça o limite de um ensaio da autora, confunde-se com ela. Tudo nos chega na sua palavra: ações, comportamentos, sentimentos, motivações de todos os personagens envolvidos, inclusive coadjuvantes – o Califa, o Vizir, pai das duas irmãs, a criada Jasmine – nos chegam por seu intermédio mediatizados. Assume o comando da narrativa sobre a narrativa. Submete-a ao constantemente ao crivo da apreciação judiciosa. Não há diálogos explícitos no texto. A história de Scherezade é tomada como pretexto para conjecturas. As histórias contadas por ela ao Califa não são recontadas. Apenas são destacados, no mesmo diapasão, alguns personagens representativos de algumas delas, como Simbad, o Marujo, por exemplo. Configura-se a superlativação da digressão.

Outro tema que retorna, intensificado, é o erotismo. De tal forma que a narrativa poderia chamar-se *Vozes do desejo*, que «brilha e umedece os sonhos» (*Vozes do deserto*, 2004: 31). São frequentes as descrições dos intercursos, a caracterização das ritualizações e as reflexões sobre a sua relação com a trama. Notadamente no psiquismo e nas ações do Califa e da própria protagonista. As digressões do titular da narrativa deixam perceber o domínio da escritora sobre seu ideário poético. O risco do bordado de sua arte ficcional. Nélide projeta em Scherezade marcas de sua arte de narradora; discorre sobre elas. Três passagens do texto o evidenciam à larga:

Seu método de contadora consistia em acrescentar a cada um deles alusões, arrebatos, imagens, tudo que se cristaliza nos manuscritos e nas mentes de Bagdá. (Piñon, 2004: 88)

Deus lhe concedera a colheita de palavras, que são o seu trigo. (Piñon, 2004: 17)  
Sob o impulso da poderosa imaginação, transforma em refinada substância qualquer matéria rústica. (Piñon, 2004: 189)

Ao fundo, a valorização do poder da palavra, em especial, da narrativa de ficção. É por meio delas que Scherezade muda a ordem das coisas, desafia e dilui o poder absoluto do Califa, por ela e por todas as virgens de Bagdá. Ao ato de narrar acrescenta a estratégia da inteligência, afirma-se o poder da mulher. E o narrador (ou a narradora?) o explicita:

O Califa subestima a mirada feminina. Suspeitava sempre que, por baixo da fina película do amor físico atribuído às mulheres, havia uma falsa transcendência. Por trás da apregoada fragilidade da temura tão convincente encontrava-se uma fortaleza que tinha como mira aniquilá-lo. (Piñon, 2004: 212)

Nélide revisita aspectos da civilização e da cultura árabes, a partir da realidade ficcional que vincula, nas histórias de Scherezade, presença da tradição milenar. Nesse processo, destaca as fontes populares, que nutrem as narrativas da ardilosa filha do vizir.

Ainda uma vez a digressão reflexiva se sobrepõe aos fatos, sobrepassa episódios, nos nove contos de *A camisa do marido* (2014). A trama flui como um pretexto para a perspectiva crítica do narrador onisciente. O texto privilegia o contraponto dos vários pontos de vista que traduzem reações e propósitos dos personagens. A reflexão centraliza-se basicamente na própria condição humana. A partir do núcleo familiar, a rigor da família nuclear, ao fundo, a dicotomia vida e morte: «O ser humano é escravo de travessias. Só ancora de vez na terra sob os anseios da morte» (Piñon, 2014:126).

De entremeio, em destaque, o conflito entre cônjuges, entre pais, entre filhos. Em síntese, enfrentamentos familiares, repassados, pensados, analisados. Sofrências, amor e ódio; sobretudo o segundo; percalços existenciais. Em destaque, o como tudo isso nos chega no discurso da autora, na sua linguagem singular de ficcionista. Alternam, ao longo dos contos, o narrador contador de histórias, o diálogo intertextual com Dom Quixote, com Camões, a perspectiva retomada do realismo de detalhe.

O escritor é testemunha do seu tempo. Nélide exerce essa condição crítica e corajosamente. Como cidadã e como escritora, ela conviveu e convive com os fatos da vida brasileira. Transfigura-os em seus textos. Dialoga com textos da literatura universal. Vale-se, com singular mestria, atributo de poucos, do aproveitamento do particular para atingir o universal. Não é sem razão que seus textos são traduzidos e comentados na Espanha, na Suécia, na Noruega, na Inglaterra, na Polônia, na Argentina, em Portugal. Seu texto evidencia a preocupação com a metáfora original, a seleção precisa na palavra, sempre presente o exercício da metalinguagem. No processo da literatura brasileira, ela dá continuidade à tradição reflexiva de Machado de Assis, precursor do romance moderno na literatura brasileira.

Nélide é, sobretudo, uma mulher que pensa o cotidiano e a eternidade. Pensa o mistério. Pensa a condição humana. E traz esse pensar para a palavra trabalhada do seu texto. Faz dele coisa pública com propriedade, prodigalidade e beleza. Importante é que seu pensamento é prazeroso, isento de amargura e ressentimento com a vida. Escritora de altíssimos méritos, atua com seu verbo nos debates sobre o processo cultural, abre horizontes com sua palavra nas inúmeras conferências que faz, no Brasil e no exterior.

É uma das escritoras que, há algum tempo, contribuem para a construção maior da literatura brasileira. E tem plena consciência de sua ação e de sua representatividade. Revela-o em seus ensaios e em suas memórias com rara autenticidade. Conviva das palavras e de seus mistérios, humaniza-o discurso em que ganham vida. Sabe que, assim situadas, tecem a narrativa do seu percurso existencial. E a identificam. Como ser individual, como ser social, como ser humano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Piñon, Nélide. (1969). *Fundador*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor.  
— (1973a). *A casa da paixão*. Rio de Janeiro: José Olympio.

- (1973b). *Sala de armas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- (1977). *A força do destino*. Rio de Janeiro: Record.
- (1984). *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- (1994). *O pão de cada dia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- (2002). *O presumível coração da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Topbooks.
- (2004). *Vozes do deserto*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record.
- (2008). *Aprendiz de Homero*. Rio de Janeiro, Record.
- (2014). *A camisa do marido*. Rio de Janeiro: Record.

La obra literaria de Nélida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nélida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nélida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

